

INFORMAÇÕES

Procissão da Senhora da Agonia:

Neste domingo, dia 18, às 16,30 h., realiza-se a Solene Procissão em honra da Senhora da Agonia, pelas ruas da cidade de Viana. Participe!

Dia da Senhora da Agonia: Na próxima terça-feira, dia 20, feriado municipal, celebra-se na cidade de Viana a grande romaria em honra de N. Sr.^a da Agonia, com o seguinte programa religioso: 14,30 h. – Missa solene, campal, presidida pelo Bispo Diocesano, junto da Capela da Senhora da Agonia, seguindo-se a tradicional Procissão ao mar. Participe!

Alteração de Missas esta semana:

Por ser o dia da Senhora da Agonia e o pároco estar ausente em passeio de férias com a família, nesta terça-feira, dia 20, não haverá Missa na paróquia. Em vez disso haverá Missa na segunda-feira, dia 19, com as intenções de segunda e terça-feira.

Também no domingo, dia 25, devido à Festa de S. Mamede, em Areosa, a Missa dominical é antecipada para as 9,30 h., para que o pároco possa estar presente na Missa solene da Festa, presidida pelo Sr. Bispo D. Anacleto Oliveira, às 11 h., em S. Mamede.

Campanha dos Amigos do Senhor

do Socorro: Foram entregues esta semana, por uma das pessoas colaboradoras, mais 80 €, referentes ao mês de Junho, da Campanha dos Amigos do Senhor do Socorro. Outra pessoa colaboradora entregou 70 €, e de uma só pessoa, que quer ficar anónima, foi entregue um cheque de 1.000 €. Bem hajam!

Donativos para a igreja nova: Foram entregues esta semana os seguintes donativos para o pagamento das obras de construção da nossa Igreja Paroquial: António Parente da Cunha Matos e esposa – 10 € (mensal); Esmeraldo de Jesus Louro – 20 € (mensal); Margarida de Jesus Sousa Lima – 20 € (mensal); Maria da Conceição Gonçalves Dias – 20 € (mensal); Vítor Manuel Gonçalves Vieira – 10 € (mensal); Amigos do Senhor do Socorro (entregue por Arménia) – 19 €. Bem hajam!

Donativos para a imagem do pa-

droeiro: Esta semana foram entregues ao pároco, expressamente para a imagem do Padroeiro, os seguintes contributos: António Maria Pereira Mota – 20 €; Maria da Conceição Gonçalves Dias – 5 €. Bem hajam!

MISSAS			
Dia	Hora	Intenções	
19	Seg	18,30	António da Rocha e Maria da Conceição Alves; Valdemar Crisóstomo do Souto
22	Qui	18,30	Joaquim Carvalho Dias e Luís Gameiro; Manuel Freitas da Silva; Maria da Conceição Miranda e Maria da Conceição Oliveira
24	Sáb	19	Rosa Araújo Gomes; José Maria Novo Gonçalves; Armando Cunha Ramalho; Ana Gonçalves de Barros e Joaquim Rodrigues; António Cerqueira Roque
25	Dom	9,30	Justino Oliveira e familiares; Amadeu Catarino, esposa e filho; Álvaro Gonçalves de Araújo; Vítor Manuel; Manuel da Silva Caridade

PARÓQUIA VIVA

N.º 658 – 18/08/2013

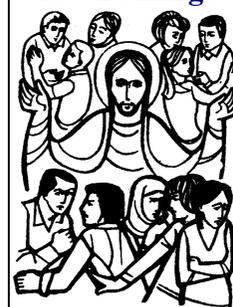
Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 53 18 / 258 80 67 56 | Telemóvel: 93 63 22 123

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: www.senhordosocorro.org • Sai todos os Domingos



20.º Domingo Comum – Ano C



«disse Jesus aos seus discípulos: “Eu vim trazer o fogo à terra e que quero Eu senão que ele se acenda? Tenho de receber um baptismo e estou ansioso até que ele se realize. Pensais que Eu vim estabelecer a paz na terra? Não. Eu vos digo que vim trazer a divisão”.» (Evangelho)

Famílias de plástico? Não

Por: Gonçalo Portocarrero de Almada

No centro da questão sobre a adopção está a noção de família. Alguns entendem-na como uma realidade natural, irreformável na sua essência, mas outros acham que a família é um produto essencialmente cultural e, portanto, susceptível de adaptação às novas realidades sociais e políticas.

De facto, a família romana não coincide com a medieval, nem esta com a actual. A família pagã, por exemplo, admite o divórcio e o aborto, mas a cristã exige a indissolubilidade do vínculo e o respeito pela vida humana desde a concepção. Contudo, quer na Roma pagã, quer na Idade Média cristã, quer mais modernamente, a família é

sempre entendida em função do matrimónio, ou seja, da união estável de um homem e uma mulher. Na antiguidade clássica, embora a homossexualidade fosse aceite e até socialmente prestigiada, nunca se admitiu que a união de duas pessoas do mesmo sexo fosse casamento. Não por um preconceito cultural, ou religioso, que o não havia, mas por uma razão de ordem natural. Também no resto do mundo e desde sempre, não obstante a diversidade das culturas e religiões, a família surge da união de pessoas de diferente sexo. Por isso, 97% das uniões estáveis são entre homem e mulher, enquanto só 3% se estabelecem entre parceiros do mesmo sexo.

Porquê? Porque só a união do homem com a mulher é conjugal e princípio de vida. Não se trata, portanto, de uma característica de uma época ou de um lugar, nem de uma imposição ideológica ou transcendente, mas de um imperativo da natureza humana, que é perene e universal. Com efeito, é a natureza que exige a complementaridade do feminino e do masculino, para o bem dos cônjuges e para a procriação. É isto o matrimónio natural, que é o fundamento ecológico da família.

(Continua na pág. 3)

20.º Domingo do Tempo Comum – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: Jer. 38, 4-6.8-10

2.ª leitura: Hebr. 12, 1-4

Evangelho: Lc. 12, 49-53

- Sem paninhos quentes -

A Jeremias, que, em nome do Senhor, frontalmente denunciara a gravidade da situação e a inevitabilidade do exílio para Babilónia, silenciaram-no, lançando-o ao fundo de um poço... Na Carta aos Hebreus é-nos dito “ainda não resististes até ao sangue, na luta contra o pecado”... No evangelho, é o próprio Cristo que nos garante que veio trazer a divisão e não facilidades e tranquilidade

Convenhamos que se trata de uma mensagem pouco agradável e, aparentemente, não muito estimuladora! Mas é isso mesmo que se pretende: “libertemo-nos de todo o impedimento e corramos com perseverança”!

E só o poderemos fazer, se fixarmos os olhos em Jesus, “guia da nossa fé e autor da sua perfeição”, Ele que, “renunciando à alegria que tinha ao seu alcance, suportou a cruz”. O profeta Jeremias também podia ter-se mantido muito caladinho ou, então, fazer coro com os patriotas... Mas seria infiel a Deus.

No passado domingo eram-nos evocados os “pais” na fé (Abraão, Isaac, Jacob, Sara). Mas, tal como ontem, também hoje podemos evocar homens e mulheres do nosso tempo que palmilharam com fidelidade e determinação os caminhos da fé: desde os beatos Teresa de Calcutá e João Paulo II ao Padre Pio, aos Pastorinhos de Fátima, a Edite Stein, ao Casal Quatrocchi, a Maximiliano Kolbe e a muitíssimos outros que, de forma silenciosa e quase anónima, continuam a engrossar o cortejo dos Santos. E, no dizer de S.to Agostinho, a ponte não partiu após a sua passagem: o caminho continua aberto também para nós.

Mais que intercessores a quem com frequência recorremos para ‘meter uma cunha’ a Deus, talvez devamos olhar para os Santos mais como ‘companheiros de corrida’ que, da meta, nos estimulam e apoiam: se nós pudemos, porque não tu?

É verdade que não é isso que nos é oferecido pela congestão das telenovelas e das revistas ‘cor de rosa’. Mas também é verdade que cada um vê o que quer e só consome o que quiser. Por isso, “a partir de agora, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois e dois contra três”.

De facto, não é com linguagem e treinos ‘soft’ que os atletas se preparam para as competições olímpicas! Não é com o “já e sem esforço” da cultura hodierna que se levantam construções que perdurem até à outra vida!

Pe. José de Castro Oliveira

Famílias de plástico? Não

(Continuação da pág. 1)

Outra coisa são as uniões não naturais, que são, de per si, infecundas. Mas, como pretendem ser como as famílias, querem ter filhos e, por isso, recorrem à adopção. É humano dar um pai e/ou uma mãe a quem os não tem, porque é natural ter um pai e uma mãe. Mas não é natural ter duas mães ou dois pais, como também não é natural dar uma criança a quem opta por uma união que, como é óbvio, necessariamente exclui a geração. Aliás, a procriação medicamente assistida mais não é, precisamente, do que um método de inseminação artificial.

Como se hão-de chamar, então, estas famílias? Se naturais não são, só podem ser artificiais. Mas uma “família artificial” é como uma “flor de plástico”: se é de plástico, não é uma flor. Uma família artificial não só não é natural, como também não é uma verdadeira família, mas um seu sucedâneo ou imitação. Pelo contrário, o que é genuíno, como o casamento e a família natural, é verdadeiramente bom.

In “Público”, 27/06/2013

Migrações: Igreja promove olhar «positivo»

Responsáveis destacam importância dos migrantes para a construção da sociedade e das comunidades católicas

A Igreja Católica dedica esta semana às migrações, aos portugueses que procuram outros destinos com mais oportunidades e aos imigrantes que se encontram em Portugal, promovendo um olhar “positivo” e de esperança sobre esta realidade.

“Queremos reflectir para o lado positivo das migrações, olharmos para o migrante como alguém que tem esperança e que parte com a esperança de uma vida melhor”, revela Eugénia Quaresma, da Obra Católica Portuguesa das Migrações (OCPM), em declarações ao Programa ECCLESIA (RTP2).

Até ao próximo domingo, a Igreja promove a 41.ª Semana Nacional de Migrações com o lema ‘Migrações, Peregrinação de Fé e de Esperança’ e propõe que todos se sensibilizem para esta temática.

Durante este período existem várias iniciativas nas dioceses e paróquias de Portugal que têm o objectivo de apresentar o migrante como alguém que é portador e transmissor de fé.

“Não queremos que olhem para o migrante como alguém que passa necessidades sociais de habitação, alimentação, vestuário mas como um agente de evangelização”, explicou Eugénia Quaresma.

Para o padre Delmar Barreiros, director do Serviço de Mobilidade Humana do Patriarcado de Lisboa, a ligação dos emigrantes portugueses a Fátima “está sempre presente” mesmo antes de “partirem” e quando regressam “vêm de propósito ao Santuário”.

Uma religiosidade popular que o Papa Francisco assinalou como sendo um tesouro da Igreja e que os cristãos portugueses assimilaram e absorveram “nas raízes”, na família e nas comunidades paroquiais.

O sacerdote assinala que, nos diversos países que visitou, esta crença, “talvez a maior riqueza que eles (emigrantes) tinham”, animou, dinamizou e aumentou a vivência real da fé.

“É uma semente que levaram e não abafou, antes pelo contrário está a dar fruto lá e cá”, acrescentou.

Esta fé não “é uma questão de falta de raciocínio ou irracional”, explica o padre Delmar, porque nos momentos de angústia todos procuram soluções e os emigrantes têm a presença de Deus na sua vida que “nunca lhes faltou”.

O actual momento de crise financeira, segundo Eugénia Quaresma, é o motivo pelo qual as pessoas são “impelidas a sair”, para procurarem emprego, algo que não é restrito a Portugal mas “está espalhado por toda a Europa”.